

JAIME ROCHA

Felicidade na Austrália

Jaime Rocha, criador multifacetado, foi o galardoado com o prémio APE de Teatro, referente ao ano de 98, e só recentemente anunciado

JAIME Rocha tem vindo a destacar-se com uma das vozes mais consistentes da nova dramaturgia portuguesa. A coroar o seu trabalho, os recentíssimos prémios da APE, de 98, que incide sobre a peça *O Terceiro Andar*, e o II Prémio Eixo Atlântico, que distinguiu a peça *Seis Mulheres Sob Escuta*.

Jaime Rocha tem uma dúzia de livros publicados, repartidos por todos os géneros, e é um criador prolífico que adquire hoje (sobretudo depois de a sua réplica à peça de Saramago *Depois da Noite* o

vro-teatro é para ser colocado em cena e assim escusa-se de se ler». É um circuito perverso: cria-se a ideia de que o livro é para «ser visto», que depois as pessoas o comprarão. Mentira, as pessoas vêm as peças e depois nada. A única excepção é o Shakespeare, porque aí ficaria mal... fica-se com vontade de não publicar mais nada.

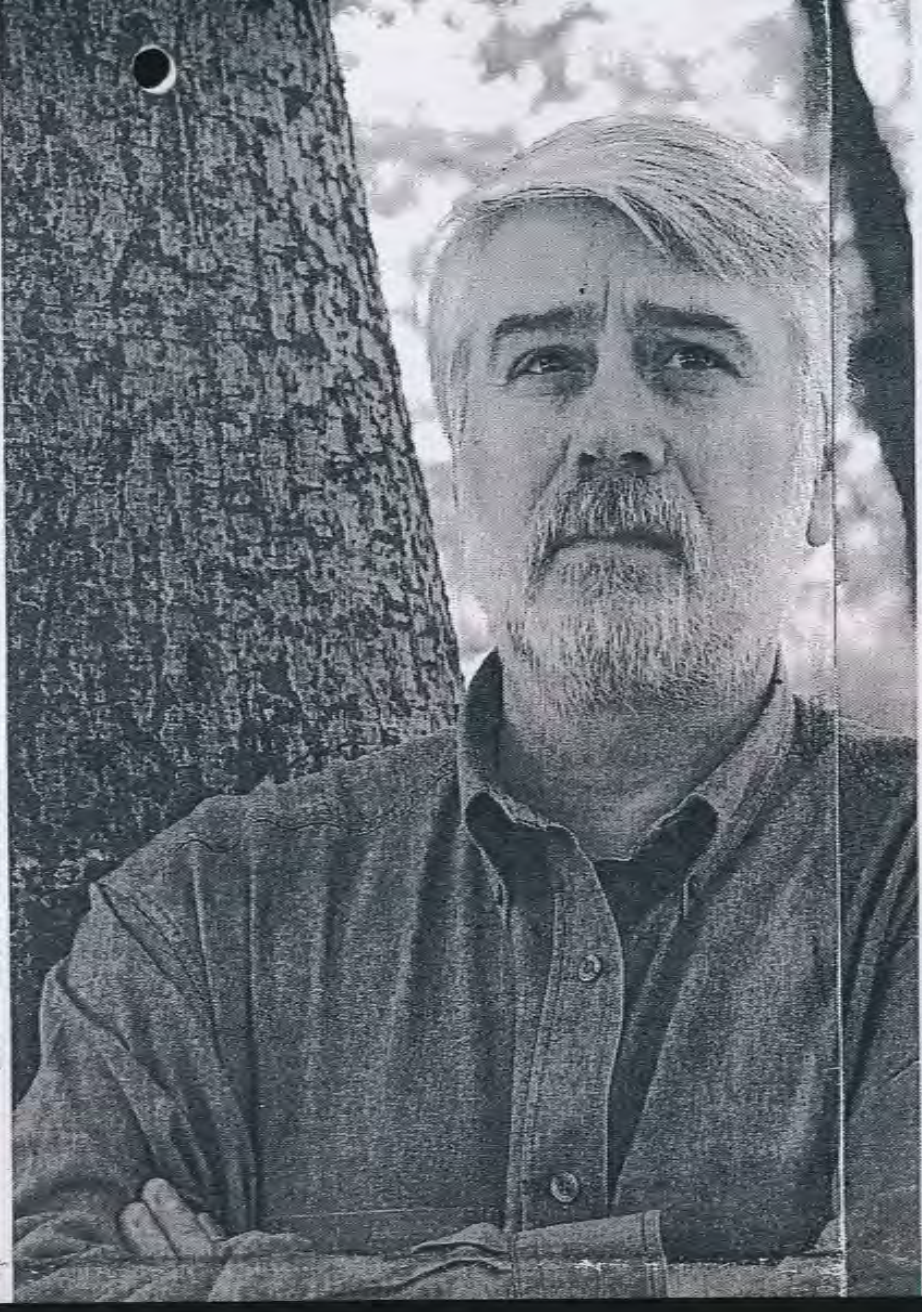
Então por que persiste? Seis peças editadas, mais duas inéditas... Começemos do princípio: como é que lhe chega o bicho do teatro?

Eh, pá, não me chega de com-

expressar a «desordem» do mundo contemporâneo em prosa acho que ficava uma coisa ilegível, no teatro tenho mais domínio sobre os materiais.

Apesar de ter escrito um dos melhores livros de ficção fantástica neste século português, *A Loucura Branca*...

Isso é simpatia sua, e não diga isso que ninguém sabe. O livro mal foi distribuído, foi editado na quinta-feira, na sexta o editor faliu e o livro desapareceu. Sou um bocadinho céptico, não sei se os amanhã cantam...



Quê? ter estreado em 98 e conhecido o sucesso crítico e de, na poesia, Joaquim Manuel Magalhães ter chamado a atenção para o seu livro *Do Extermínio*, de 95) alguma notoriedade, prometendo continuar a produzir na sombra o que lhe for impossível adiar. Mas é um criador claramente motivado, este jornalista-escritor do «Público» (onde assina com o nome próprio Rui Ferreira e Sousa) a quem só falta um maior convívio com o palco.

Primeiro uma constatação: a forma desnivelada como foram noticiados nos jornais os dois prémios, o de ficção e o de teatro, indicia que algo vai mal no Reino da Dinamarca, ou não?

Sim, o teatro é visto neste país de uma forma bastarda. A não ser que seja um autor já consagrado, o Saramago, a Sofia, um autor de que o jornal se sinta obrigado a falar. E aí abre-se uma nuance: não é do teatro que se fala mas do autor. O teatro como género literário e enquanto objecto-livro está sujeito a sevícias, é a solteirona do prédio. Tudo isto se agrava porque se perdeu a cultura de ler teatro e então o editor demite-se...

Um dos queixumes mais frequentes no âmbito da cultura portuguesa é o da inexistência de dramaturgos. Mas nada se faz para defender os que aparecem...

É um fenómeno que tem a ver com a estreita relação entre os leitores e quem produz as notícias. Talvez os leitores sejam pouco exigentes, preguiçosos. É mais confortável viver abraçado aos lugares-comuns, por exemplo, «o teatro é uma coisa para minorias» ou «o li-

boio. Tem a ver com a geografia, com o sítio onde nasci. Eu sou da Nazaré, onde a vida das pessoas — estamos a falar da minha infância — era uma tragédia que tinha o mar como palco, aquele drama estava sempre presente; por outro lado, havia a comédia, representada pelas «cegadas». Desde miúdo que eu presencio esta coabitação da tragédia e da comédia, e isto não pôde deixar de moldar a minha sensibilidade e de me dar uma certa visão, um certo «retrato» das coisas, que hoje tento transferir para o palco.

A Nazaré foi o terreno que formou a sua sensibilidade dramática. Mas qual foi a motivação para ousar a primeira peça, foi algum convite, algum projecto concreto?

Penso que as peças nasceram da minha má relação com a prosa. Eu tenho escrito em vários géneros e confesso alguns problemas com a prosa no sentido de me ater à disciplina, ao padrão que uma estrutura romanesca exige, porque a imaginação desvia-me, e por isso senti a necessidade de enveredar pelo diálogo dramático... Hoje consigo dar mais vazão à minha «desordem» no teatro. Se eu quisesse

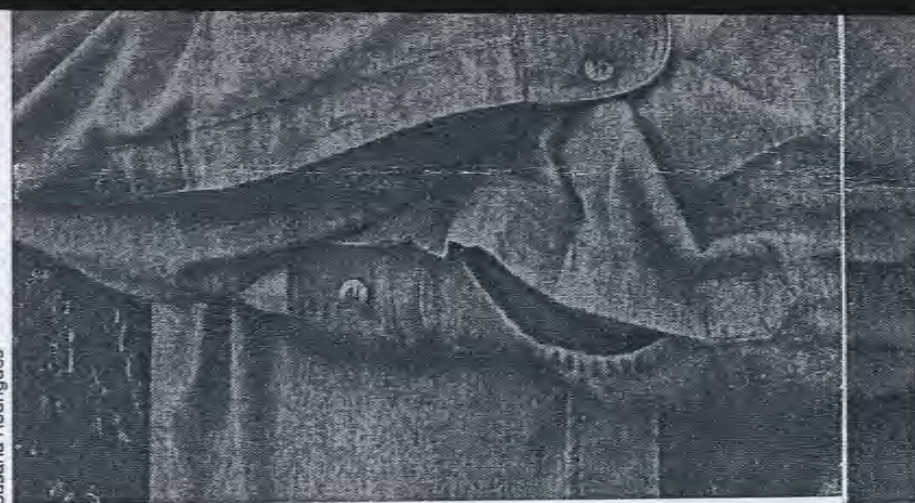
Então a prosa passou definitivamente para os dias de folga?

Não, nos dias de folga está o teatro instalado. Nos dias de folga, nas férias, nos fins-de-semana. A profissão não ajuda. Falando a sério, há outra coisa que é importante: o teatro aproxima as pessoas. Eu como autor, em casa a escrever, parece que estou a dialogar com os actores, e daí sentir um eco que me maravilha. Ainda que, enfim, seja simbólico.

Em *O Terceiro Andar*, peça com que ganhou o Grande Prémio APE de Teatro, assiste-se ao cruzamento de uma situação algo surrealista com o ritmo e a mordacidade do burlesco. Qual é a sua linhagem, a sua família literária?

Bom, eu não consegui fugir ao século. Gosto sobretudo do lado negro dos grandes dramaturgos, de Strindberg, de Lorca, tal como de Kafka. E a leitura de Artaud rachou tudo e atirou-me para os Beckett, Ionesco, o Arrabal. Depois tentei digerir tudo e produzir algo meu, que parte sempre do concreto, de uma leitura do quotidiano, das suas situações. Eu não tenho um grande ouvido, tenho sobretudo uma memória visual cirúrgica.

As peças de teatro nasceram da minha má relação com a prosa. Julgo que hoje só a linguagem dramática consegue espelhar com alguma propriedade a «desordem» do mundo, este caos que nos alimenta e desconcerta os dias



Susana Rodrigues

Jaime Rocha

Mas curiosamente, esta minha peça partiu de uma conversa entre empregadas de limpeza que eu ouvi, acidentalmente.

O Construtor, peça publicada no mesmo volume, fala da maneira mais ácida da construção da Europa, e em *O Terceiro Andar* já estamos no seu desmantelamento. Foram feitas uma a seguir à outra? Como é que se processou esta contiguidade?

Tanto essas como *Os Quinze Minutos de Glória*, que também vem no filme, constituem uma trilogia daquilo a que chamo o «Teatro Monstro».

Como é?

«Teatro Monstro» porque emanado de um sistema social, de uma maquinação que contém em si o mal. Eu não sou um grande defensor da mordomia mental em que o capitalismo nos afunda. Resta-me, como dramaturgo, in-

cluir-me, para poder retratar estes prazeres cruéis que o sistema nos propicia...

Diz-se em *Os Quinze Minutos de Glória*: «Só existe uma pessoa no mundo capaz de saborear o mal. E essa pessoa pode muito bem ser um de nós.» Isto podia ser o enunciado de uma ética. Acha que o trabalho de cada um é o de pôr-se na posição de não ser aquele que saboreia o mal?

Talvez seja uma aspiração. Agora é mais comum pensar-se: eu não sou o mal porque não sou o outro. Contudo, é preciso distinguir entre o «mal monstruoso do sistema» e os «prazeres do mal» que todos queremos saborear. Há um desejo do mal, latente. Eu só queria um tipo de mal novo para mim, porque também não estou aqui para falar do bem, para catalogar ninguém, não há bons nem

Trovoadas secas

Peças de grande qualidade que pedem encenação

**SEIS MULHERES SOB ESCUTA
O CONSTRUTOR**
Jaime Rocha

Teatro Noroeste, 2000, 52 págs.;
Sociedade Portuguesa de Autores/
Dom Quixote, 1998, 212 págs.,
1500\$00, 7,48 euros

QUANDO foi atribuído o Prémio APE de Teatro marquei entrevista com Jaime Rocha. A entrevista teve de ser adiada, não encontrei à venda o livro que contém a peça contemplada. Levei cinco dias a palmilhar livrarias até o encontrar. Por que não aproveitou o editor o Prémio APE para relançar o livro?

Há muito não me divertia tanto ou estava tão certo de ter encontrado em doses iguais boas ideias de situação, diálogos fantasiosos e disruptivos — do mais feroz «nonsense» — e uma tão viva sugestão de «jogo» para os actores, que se encadeia num ritmo veloz, que fareja o êxito.

A linhagem de Jaime Rocha é a do teatro do absurdo, com umas pitadas de burlesco, da «patafísica» de Jarry e Boris Vian, e não esmorece com a comparação. Tem o desopilância, a derrisão que as tesouras de poda de *As Lições* aplicam às gramáticas da civilização, uma implacabilidade política que se julgava perdida neste «fim da História». E ao ouvir a formulação do autor — um «teatro monstro» — acode-me este enunciado do filósofo Peter Sloterdijk: «Os tempos modernos são a era do monstruoso criado pelo homem. (...) A modernidade é a renúncia à possibilidade de ter um álibi.» Ou este de Hugo Ball: «Será que devíamos tatuar um coração na testa? Todos assim veriam: o coração subiu à cabeça. E como seria um coração azul-marinho, azul-morte, um coração agónico, também poderíamos dizer: a morte subiu à cabeça. Só precisamos de converter em escrita o profundo susto que levamos.» Estas peças de Jaime Rocha radiografam os alarvos sociais e políticos desta Europa

cacarejar e a chuva a cair num telhado» (pág. 174). E neste enorme «palácio de serviços» em sucessiva desactivação instala-se um território fantasmagórico, onde tudo é possível, como verifica o segurança que desce aos meandros autóctones, ao «nacionalismo» do terceiro andar, com o fito de ir urinar af descobre um cágado, um vento a sair de uma sanita e um oleado assassinado que imita as ondas do mar. E o prédio, após o administrador do prédio limpar o sebo a todos os seus competidores, lá acaba a ser especulado, como traçado estava para seu verdadeiro destino.

Premiada também a peça *Seis Mulheres Sob Escuta* (em edição do Teatro de Noroeste e ainda não posta à venda nas livrarias), desta feita com o II Prémio do Eixo Atlântico de Textos Dramáticos. É uma peça de registo diferente, mais realista, ainda que um volte-face final a projecte para o fan-

J A I M E R O C H A



O CONSTRUTOR

segunda edição
QUINTA MISTURAS DE COLORES
O TERCEIRO ANDAR

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicação Dom Quixote

J A I M E R O C H A



maus. Por outro lado, nestas peças há menos um mal colectivo que indisposições individuais — é o que torna monstruoso o sistema: já não vemos os contornos, a face do mal.

Você acredita mesmo no desmoronamento do fim de século que anuncia nas peças?

Bom, o século já caiu, o resto virá atrás. Pior não pode ser. Levou-se um século a construir um edifício que no fim se encontra vazio, para ser especulado.

As peças são sombriamente magníficas mas eu não acredito no seu cepticismo profundo. Saiba porquê? Vê-se que há felicidade na escrita...

Os Que Vão Morrer é o título do meu próximo livro de poemas. Os que vão morrer, saúdam-te? Infira você. Não seja teimoso. ■

ANTÓNIO CABRITA

cerces sociais e políticos desta Europa sem «alibis» e são escritas «com o profundo susto que levamos». Daqui a sua extrema qualidade.

Em **O Construtor** constrói-se a Europa com ossos humanos, em **Quinze Minutos de Glória** trata-se da missão impossível de reinventar o homem novo; em **O Terceiro Andar**, a peça premiada, procura-se o funcionário modelo das sociedades modernas. Nesta, a busca do funcionário modelo é tão competitiva que os próprios administradores do prédio de escritórios (alusão clara à sede da CEE em Bruxelas) o desmantelam, assassinando os colegas (administradores) e fazendo espionagem dupla, pois assim que o edifício foi acabado foram esquecidos os fundamentos da sua criação. Há uma profunda desumanidade que está legitimada pela implementação de novos níveis de competência: «O sr. tem cartão profissional? Eu pergunto-lhe isto, porque há cursos que ensinam as diferenças entre um homem a gêmeia galinha a



tástico. Uma ex-prisioneira da PIDE visita a prisão onde esteve encarcerada com mais cinco mulheres três décadas antes. A peça procura construir um ponto de vista feminino sobre a condição da mulher durante o fascismo e dar uma perspectiva que permanecia inédita no teatro português, ainda que não tenha a mesma qualidade das restantes peças. Mas, no essencial, o importante é constatar que «encenadores precisam-se!» ■

A.C